

# ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALMEIDA GARRETT

PUB



PUB



Esta edição do jornal 'Melhor Escola' faz parte integrante da edição nº 1092, de 25 de março de 2023, do jornal O Gaiense  
O conteúdo deste suplemento é de total responsabilidade da escola

## *a outra margem*



### **P.3**

Um olhar sentido de Carlos Tê, a “sondar os poços da alma e extrair lições da História”

### **P.4**

Opinião de Eduardo Vítor Rodrigues e Rui Moreira - a força que une as autarquias

### **P.6**

Souto Moura entrevistado, “arquitetura sem poesia é construção, apenas”

### **P.10**

Reportagem: Douro, um rio que pede pontes

# ISPGAYA

instituto superior politécnico

CTeSP  
LICENCIATURAS  
MESTRADOS  
PÓS-GRADUAÇÕES

CONTABILIDADE  
ENGENHARIAS  
GESTÃO  
TURISMO

av. dos descobrimentos, 333  
4400-103 santa marinha - v.n.gaia  
grest@ispgaya.pt

   | ispgaya.pt

PUB



## Ponte, Ponte, quem és tu?

Há canções que não nos largam. E imagens. Sempre que as duas se juntam, a coisa é grave. Porto sentido, da dupla maravilha, Carlos Tê e Rui Veloso, colou-se-nos à pele qual orgulhosa tatuagem das gentes deste sítio. Por estes dias de tanto júbilo turístico, tudo o que a canção sussurra irrompe em fabulosas fotografias nas redes sociais, na comunicação televisiva, a lembrar-nos a beleza deste rio, destas pontes, destas margens que nos unem.

Começou assim. Com uma canção, com um rio, com tantas pontes. Tantas formas de chegar ao outro lado, às outras formas de ser e de estar.

Os alunos exploraram as possibilidades de significado que uma palavra tão rica como ponte nos proporciona. Desenharam, ilustraram, retrataram. Mas também atravessaram o rio e foram entrevistar Souto Moura, olharam para a História e convocaram-na, deram voz a autarcas e a poetas (até ao nosso Diretor!) mas, acima de tudo, perceberam que chegar aos outros e estar com eles é a travessia que mais importa.

Então, atravessamos?

Margarida Neto, professora

Sou Ponte de apelido,  
Sou Ponte de união!  
Sou Ponte sem alarido,  
Sou Ponte de ligação!

Sou Ponte com sorte,  
Sou Ponte de passagens!  
Sou Ponte de morte,  
Sou Ponte entre margens!

Sou Ponte de miragem,  
Sou Ponte de admiração!  
Sou Ponte de passagem,  
Sou Ponte com tradição!

Sou Ponte na educação,  
Sou Ponte de afetos!  
Sou Ponte na solidão,  
Sou Ponte de intelectos!

Sou Ponte na tristeza,  
Sou Ponte na alegria!  
Sou Ponte com certeza,  
Sou Ponte para a sabedoria!

Sou Ponte no conflito,  
Sou Ponte audaz!  
Sou Ponte no manuscrito,  
Sou Ponte para paz!

Sou Ponte de discórdia,  
Sou Ponte de usucapião!  
Sou Ponte de concórdia,  
Sou Ponte de campeão!

Sou Ponte para duvidar,  
Sou Ponte para o saber!  
Sou Ponte para ensinar,  
Sou Ponte para Aprender  
(a SER)!

Paulo Mota, Diretor da ESAG

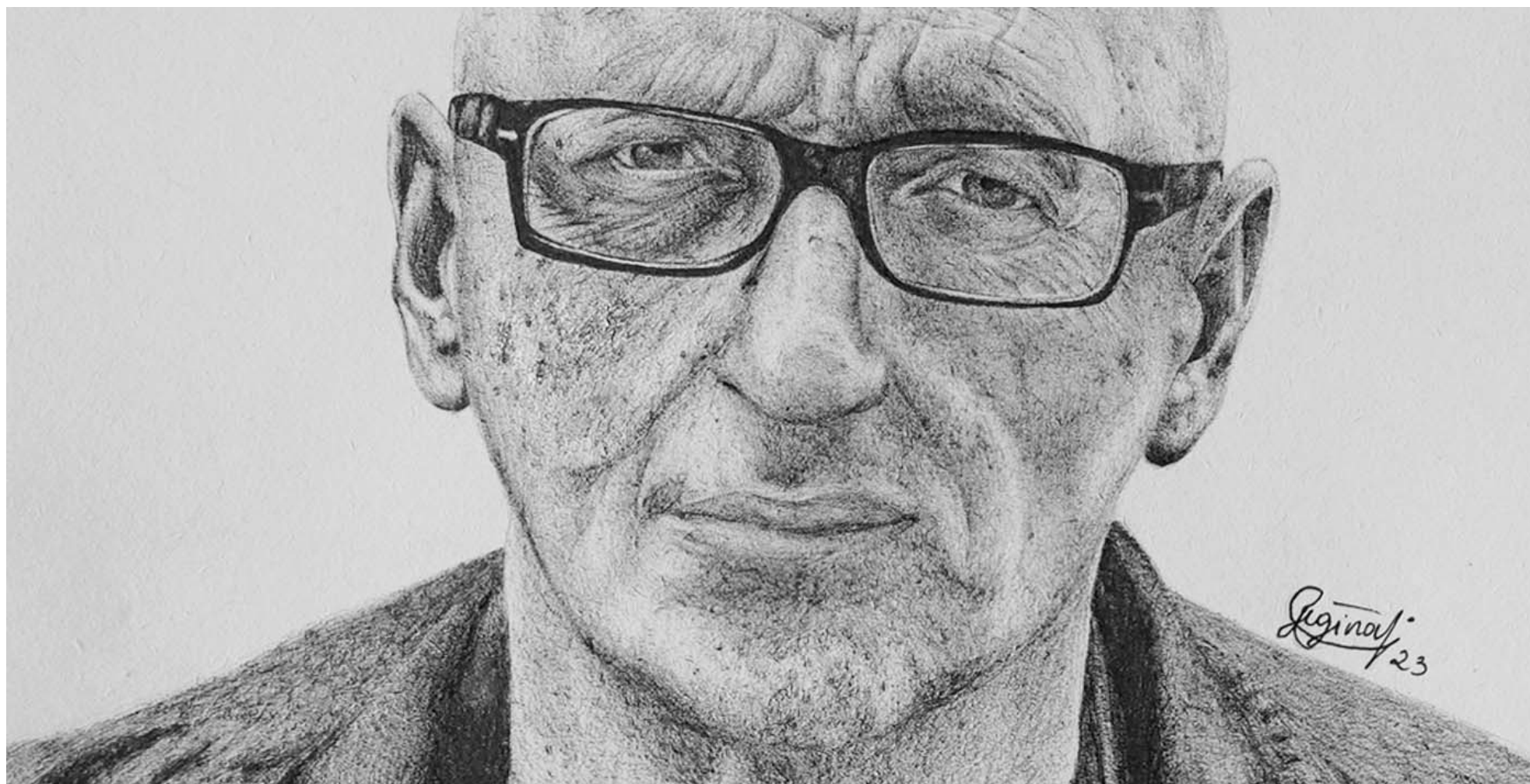
# Carlos Tê, poeta e bastante mais

**Porque foi uma letra sua, Porto Sentido, que inspirou este trabalho, ousamos pedir ao Carlos Tê um pequeno texto que refletisse o seu olhar quanto à capacidade metafórica que a pequena palavra ponte contém. Nem esperávamos que respondesse. Mas respondeu. Com esta pequena pérola.**

Há pessoas que têm medo de atravessar pontes porque podem cair no momento da sua passagem. A ciência, na sua insaciável necessidade de tudo classificar, chama gefirofobia a este medo. Vem do étimo géphura, que significa ponte em grego. Mas as pontes servem também para atravessar medos, como o medo do outro, do desconhecido, do que vem de outras zonas, sendo que Humanidade é um contínuo movimento migratório. A ausência de pontes retardou a aproximação dos povos e só o congelamento das águas proporcionou as grandes travessias, como a do rio Reno pelas tribos góticas que derrubaram o império romano. Ou, muito antes, a travessia do estreito de Bering por nómadas que colonizaram o continente americano tornando-se os seus primeiros habitantes. As pontes erguidas pela engenharia humana fomentaram civilizações e possibilitaram trocas de conhecimento, arte, literatura, pontes que, do seu alto, nos permitem hoje sondar os poços da alma e extrair lições da História. Porque a existência não é

tão segura como parece. As pontes são ciclicamente dinamitadas por crenças e doutrinas nefastas que ficam em estado latente, apesar do extraordinário caminho da Humanidade até aqui. Em pleno advento da tecnologia digital – a mais formidável ponte congeminada pela mente humana – constatamos que ao progresso tecnológico das últimas décadas não corresponde um progresso sociológico que permita erradicar a iniquidade, o velho conceito de mal. Porque todas as pontes têm dois lados, e o lado que constrói pode ser o mesmo que destrói. A máquina que cura usa os mesmos princípios que a máquina que mata com frieza e cada vez mais cientificamente. É a ponte do pensamento humanista, que é preciso cuidar todos os dias, verificar as juntas, os corrimões, os candeeiros, a pintura, para que não a atravessemos, arrogantes e distraídos, montando um cavalo fegoso mas estranhamente cego, rumo ao fim.

Carlos Tê, poeta



# Um rio entre nós

**Pedimos aos autarcas do Grande Porto que nos falassem sobre esta realidade que é dirigir uma autarquia que, por força de um rio, de uma geografia e de interesses comuns, tem sido “partilhada” em muitos aspetos com a outra margem. Sugerimos que abraçassem esta ideia: pontes, margens, um rio que une e nunca separa.**



Trabalho em rede para uma região mais forte

Em Gaia, temos o orgulho de sentir uma cidade cada vez mais moderna, inovadora e sustentável, mas também um concelho com um passado e uma história fortes, cheio de memórias e tradições que cada território acarinha e procura fazer perdurar. Esta eternização não seria possível sem as nossas instituições e o trabalho em rede que temos procurado desenvolver, sempre acreditando num concelho mais forte, mais unido e culturalmente mais rico. Mas, também, num concelho que é parte importantíssima de uma região que se quer cada vez mais robusta, e em que importa que os municípios mais próximos “remem” para o mesmo lado e trabalhem, também eles, em rede. Mantendo, cada um, a sua identidade, mas pugnando, em conjunto, pelo bem de todos.

***«Mais do que ter uma voz,  
a região precisa de dizer a  
mesma coisa, mesmo falando  
a várias vozes (...)*»**

Já não estamos no tempo de lutar com o “vizinho” para ver quem tem maior protagonismo. Estamos, sim, no tempo de erguer as pontes verdadeiramente importantes, em que os representantes locais se mostram capazes de unir esforços para garantir melhor qualidade de vida aos cidadãos. É assim que se mostra a força da região.

Temos, nestes nove anos, trabalhado com enorme proximidade ao Município do Porto. Não pode ser de outra forma. Não faz sentido competir pelo melhor fogo de artifício na noite de S. João, mas sim juntarmo-nos para proporcionar a todos um espetáculo único e inesquecível. Não faz sentido trazer, cegamente, a empresa A ou B para cá, se sabermos que lá é que estão as condições mais adequadas, ou vice-versa. Este esforço conjunto pelo desenvolvimento, aliás, tem sido também feito no âmbito da Frente Atlântica, que junta a Gaia e Porto o município de Matosinhos. Três cidades a trabalhar num clima de cumplicidade e parceria.

A articulação na região é um elemento decisivo para termos uma linha argumentativa e reivindicativa comum. Mais do que ter uma voz, a região precisa de dizer a mesma coisa, mesmo falando a várias vozes, como convém. E Vila Nova de Gaia sempre se assumiu como uma ponte da região e o porto dos grandes projetos de diálogo e de cosmopolitismo.

Eduardo Vítor Rodrigues  
Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia

A 5 de dezembro, assinalamos os 26 anos da inscrição do Centro Histórico do Porto, da Ponte Luiz I e do Mosteiro da Serra do Pilar na lista de património mundial da UNESCO. É uma data que celebramos com orgulho, porque distingue não só o património edificado e histórico, em que se insere também a zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia, mas igualmente o legado imaterial e identitário que é comum às gentes das duas margens da foz do Douro.

Enquanto o Mosteiro da Serra do Pilar foi, reconhecidamente, um baluarte na defesa do exército de D. Pedro, no tempo do Cerco do Porto e das Guerras Liberais, a história da frente ribeirinha de Gaia obriga-nos a recuar mais no tempo. Se o Porto lhe deu o nome que o levou pelo mundo fora e se as uvas que o produzem vicejam ao longo das encostas do rio Douro, é no resguardo dos cascos das caves de Vila Nova de Gaia que, desde há séculos, o Vinho do Porto vem sendo armazenado e envelhecido, assumindo aí muitas das suas propriedades envolventes.

Os elos entre os Centros Históricos de Porto e Gaia estão, de resto, inscritos nas embarcações que flutuam sobre o Douro e nos arcos das pontes que o cruzam tanto como nos genes e na maneira de ser da gente dos dois lados do rio. São traços desses elementos naturais e humanos que pressentimos nos ambientes e nos cenários de criações dos portuenses Manoel de Oliveira e Sophia de Mello Breyner ou dos gaienses António Teixeira Lopes e António Pinho Vargas.

Mas é por o património do Centro Histórico ser partilhado e admirado por todos que maiores são as responsabilidades de portuenses e gaienses. O esforço de preservação e valorização da zona classificada deve continuar a merecer, ao longo dos próximos anos, uma reflexão estratégica concertada entre as instituições responsáveis de ambas as margens. Por outro lado, o princípio da cooperação estende-se à generalidade das políticas e dos desafios com que os dois municípios se confrontam atualmente.

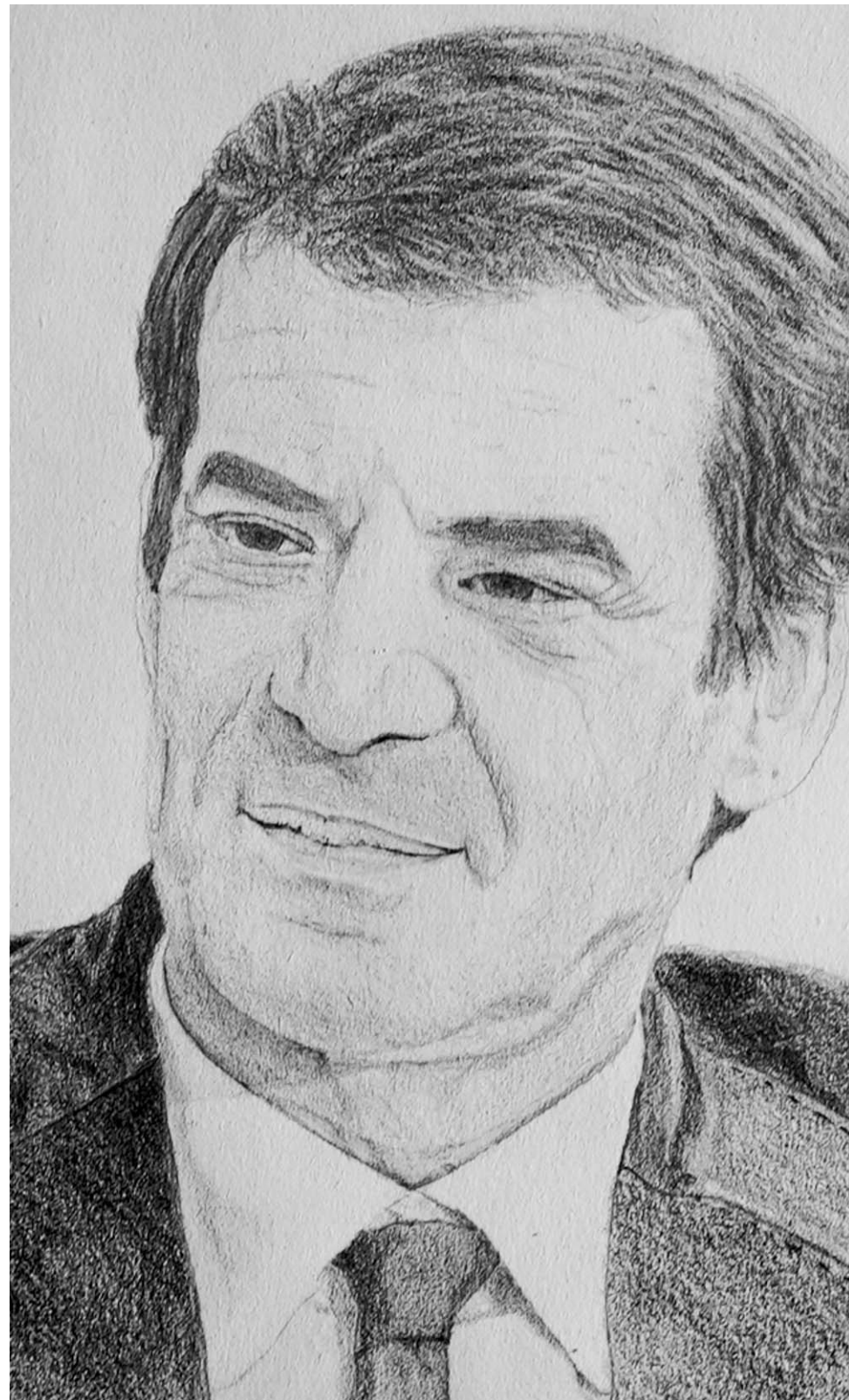
É certo que as relações socioeconómicas entre Porto e Gaia são hoje mais robustas – o exponencial crescimento do turismo na região Porto e Norte de Portugal ao longo da última década é um fenómeno que ninguém ignora. Porém, o atual contexto de aceleradas e, muitas vezes, imprevisíveis transformações exige da parte das duas autarquias um afinco redobrado na adequação das políticas, na dinamização da economia local e no impulsionamento da região aquém e além-fronteiras.

No quadro desta relação intermunicipal, tal como no seio da restante Área Metropolitana do Porto, é essencial que as instituições procurem o alinhamento possível de interesses. Só essa lógica multilateral permitirá a resolução de problemas comuns e o surgimento de oportunidades – muitas vezes efémeras –, no que se refere, necessariamente, à captação de investimento, à aplicação eficaz dos fundos europeus, à promoção da região ou à defesa do bem-estar dos moradores e à harmonização dos seus interesses com os dos visitantes das nossas cidades.

Ainda nesse particular, este rio que nos banha e que é o nosso deleite – o “Doiro sublimado”, como no verso de Torga – impõe-nos, desde sempre, um grande obstáculo à mobilidade e às comunicações. Além do mais, nos nossos dias, a saturação dos centros urbanos, o efeito cada vez mais evidente das alterações climáticas e a necessidade de encontrar alternativas de transporte sustentáveis vem obrigando as instituições responsáveis a encontrar novas respostas.

São particularmente intensos nos dias de hoje os movimentos pendulares de quem percorre as pontes sobre o Douro, para estudar, trabalhar ou por lazer. É por isso fulcral complementar a rede de transportes públicos de qualidade – com uma atenção particular à questão da acessibilidade de jovens e idosos –, mas também promover, por exemplo, os chamados modos suaves, que comportam a expansão das vias cicláveis intra e intermunicipais.

A bacia deste rio que nos separa também coloca ao nosso dispor uma imensidão de recursos. Já não falo apenas do vinho. Da foz aos seus numerosos afluentes, para aproveitamento hidroelétrico ou hidroagrícola, para



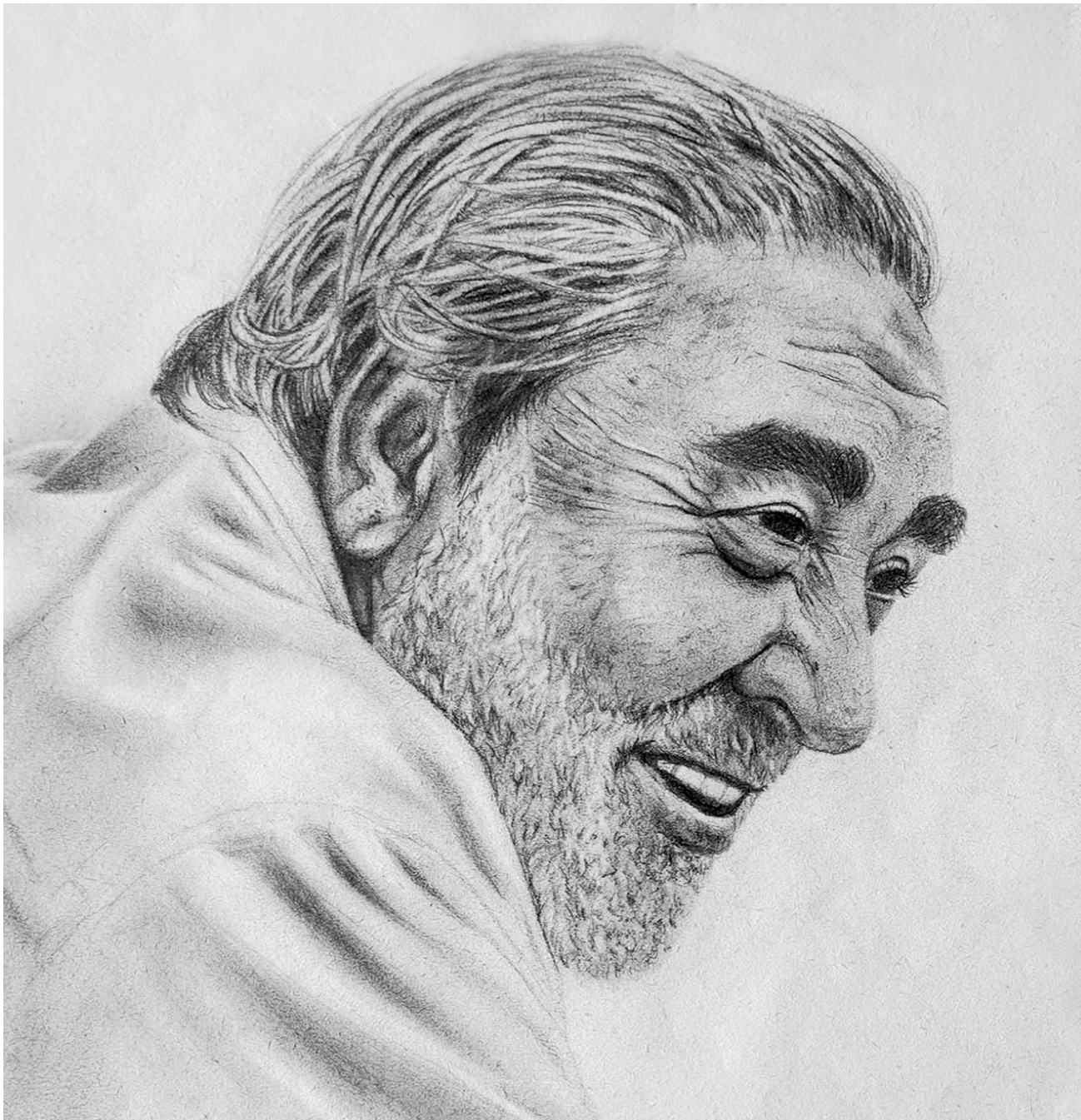
abastecimento urbano ou das indústrias, são múltiplos os usos de que se servem as comunidades por ele banhadas.

Não é inédita a ideia da formalização destes laços que unem Porto e Vila Nova de Gaia: no passado, já foi aventada, uma e outra vez, a possibilidade de uma fusão formal. A verdade é que, com ou sem fusão, estas duas populações divididas pela geografia vão continuar a renovar diariamente os seus vínculos e, à imagem das boas relações no plano institucional, farão por proteger e potenciar o património, a economia, o ambiente e a sustentabilidade das comunidades, afirmando o lugar desta região a nível ibérico e europeu.

Rui Moreira  
Presidente da Câmara Municipal do Porto

# Souto Moura ...*tudo o que liga é um meio para estabelecer a felicidade*

No dia 10 de janeiro de 2023, o arquiteto Souto Moura recebeu-nos no seu gabinete com vista para o Douro. Não foram as pontes os objetos que mais desenhou, mas, o amor que mostra pela literatura e a forma como a integra na arquitetura que fez dele o candidato perfeito para, nesta entrevista, falar sobre a importância das pontes, vistas de todos os ângulos.



## **Qual a importância das pontes do Douro no seu dia-a-dia?**

Uma vez dei uma entrevista, em que a minha mãe ficou muito ofendida porque, eu não sou muito católico, sou cristão, e dei uma entrevista a dizer: Então porque é que é arquiteto? Sou arquiteto porque acho que Deus não fez o mundo muito bem-feito, foi descansar ao sétimo dia e não devia ter descansado porque ficou muita coisa por fazer. Por exemplo, a pessoa deita-se, quer descansar, mas é preciso fazer casas. As pessoas querem ir para o outro lado do rio, por exemplo, têm de molhar os pés ou têm de tomar banho e faz-se as pontes; portanto, é uma espécie de complemento de uma geografia que ficou por acabar, não digo por fazer, mas por acabar. A utilidade das pontes, é unir o território e quando se fala de território, de geografia, no sentido amplo, inclui também as pessoas, não é só no sentido físico. E, portanto, tudo o que contribuí para a ligação, para a comunicação, é o princípio da felicidade das comunidades, porque as comunidades por si só, têm atritos como qualquer pessoa normal. O princípio da sociabilidade é essa comunicação que resolve praticamente tudo, sem ela é que não chegamos a conclusões. Até que se adotou a palavra do objeto ponte no sentido metafórico de dizer: Temos de fazer pontes.

## **Quando pensa em pontes, sendo arquiteto, mas também amante da literatura, em que pensa, metaforicamente falando?**

Eu acho que os problemas que nós temos são universais, isto é, não são de hoje, hão de se complicar, mas as pessoas também não pensam muito, são pessimistas. Quando eu digo às minhas netas, ou às minhas filhas: Isto antigamente era assim... Antigamente não havia vacinações, portanto há grandes progressos, tem que se ser otimista, ou

então inventar o otimismo. A literatura ajuda porque, apesar de não nos dar as soluções, estabelece-nos pontes para os nossos problemas, porque não diz: isto deve ser assim. Não há nenhum escritor bom que se atreva a dizer a solução é esta, porque, se ele afirmar isso, é medíocre porque ninguém sabe nada. (...) Não há soluções chave. (...) Os livros em que eles explicam ou confessam as dificuldades que há em escrever e como é que se socorrem para encontrar os meios para resolver os problemas deles, isso a mim interessa-me, como eles escrevem bem. Senão não seriam escritores. Os seus textos são lúcidos e essa lucidez interessa-me. (...) Os artistas são de um egoísmo feroz. Para criar é preciso estar contra o mundo, como dizia o Pessoa é preciso um Desassossego e depois esses métodos são explicitados para as outras pessoas e ajuda-me a encontrar como hei-de continuar a fazer arquitetura e outras coisas.

## «Os artistas são de um egoísmo feroz. Para criar é preciso estar contra o mundo (...)»

### Como um dos jurados no concurso para a nova ponte do Douro, o que espera dessa nova estrutura? Em que se baseou para a escolher?

Eu não escolhi a que ganhou, por acaso. Eu parto do princípio que a função da arquitetura é ultrapassar a sua função específica e dar sentido ao que está à volta. (...) Se me pede uma casa, a minha função é fazer uma casa, é responder, primeiro, ao que o cliente pede e depois é a minha obrigação porque o mundo nunca está bem. O lugar, não gosto tanto da palavra sítio, gosto mais do lugar, tem sempre qualquer coisa de energia espiritual, um lugar não é só um sítio, é mais do que isso. (...)

E o arquiteto não é arquiteto de pontes, pois não? Eu adorava ser um engenheiro de pontes, (...) A expressão de um objeto tem de ter uma certa linguagem, a separação entre arte e ciência é uma coisa muito complicada. Eu tenho uma adoração pelos gregos, porque eles conseguiram tocar em dois pontos e fundir - a ética e a estética. Ficou assim como a maionese.

### O Douro é um rio difícil para construir pontes ou é um rio que pede pontes?

Eu acho que é as duas coisas. Porque ele não pede. É uma intrusão." Se pede, ainda não fizemos pontes suficientes se calhar! Acho que uma das belezas de Paris é ter "não sei quantas" pontes. E todas atravessadas. E existe, assim, uma cidade contínua, praticamente. As pontes são como o fecho éclair, é tudo muito unido. Quantas mais melhor! Um presidente da

câmara uma vez perguntou-me: você não acha que estão a fazer pontes a mais? Não, não chegam! Agora, o que eu acho é que devia haver mais pontes rodoviárias, porque, apesar de estar na moda a ecologia, e acho que tem muita graça ir para Gaia de bicicleta, o que é certo é que eu não vejo ninguém a ir para Gaia de bicicleta. E fazem-se pontes para bicicletas e metros, e dos carros esquecem-se e está tudo entupido.

### Que emoção usaria para descrever a travessia sobre o rio Douro?

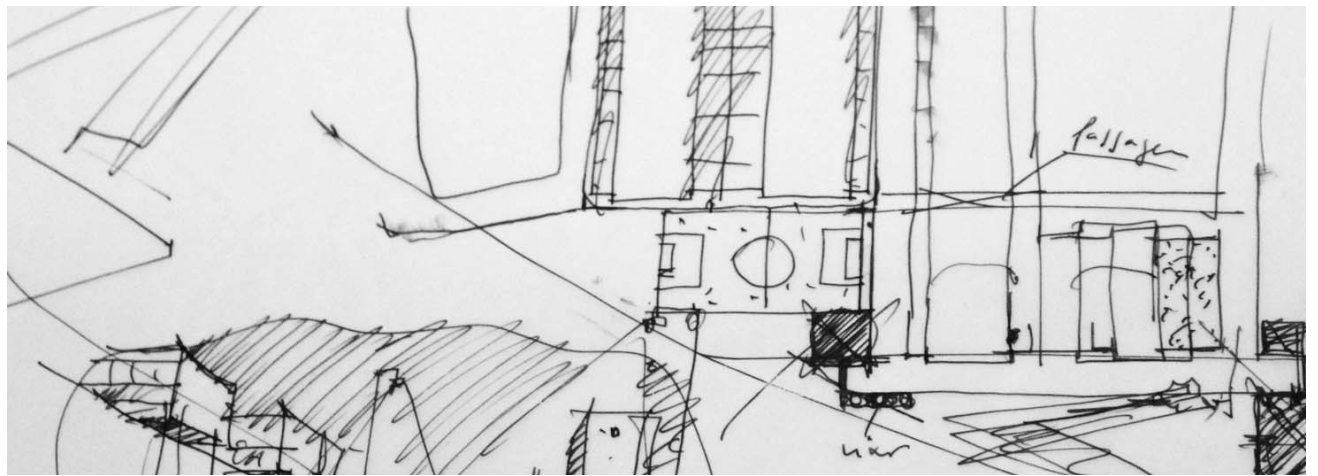
Que emoção? Eu tenho uma emoção que ninguém tem, teve, que é: quando fizemos este escritório, há 28 anos, eramos três amigos, o Távora, o Siza e eu, e outros. Eramos três arquitetos, e depois ficamos com o terreno e ninguém sabia o que fazer. Um escritório era muito caro comprar. Somos arquitetos, então

### E havia aí uma emoção qualquer?

A emoção é que a mim, o que me interessava era a ponte da Arrábida, eu acho a ponte da Arrábida o objeto mais bonito do século XX, é o objeto mais bonito que se construiu em Portugal, no século XX. Eu não me canso de ir almoçar ali abaixo à pizzaria, em cima do rio. Vou para baixo que é mais sossegado, não vou ao terraço porque é frio. Vou para baixo, escolho o ângulo e eu não me canso de olhar para aquilo.

### Mas, e a travessia? O arquiteto é um homem do mundo, já fez muitas.

As travessias de Veneza são maravilhosas. Há uma travessia que eu gosto, em Istambul. Istambul tem um estuário, um rio... as travessias são bonitas, de acordo, muitas vezes, só com o que as rodeia, eu até... acho que isso está na cabeça... É, há travessias lindíssimas que fisicamente até podem ser elegantes e que se nós estamos bem, temos ótimas recordações, ficamos com o tal cenário visual... e, de vez em quando, vamos lá buscar.



Esquisso de Souto Moura, do arquivo da Casa da Arquitetura

pegamos num terreno e construímos. E depois quem é que faz o projeto? Os três fizemos um concurso entre nós, e o júri éramos nós; depois, os investimentos eram familiares, então também entraram para o júri ou, pelo menos, tinham a função consultiva, as mulheres dos arquitetos. Pronto, depois ganhou o Siza e viemos para aqui. Foram tempos maravilhosos, porque a malta convivia. Depois, íamos almoçar de barco à Afurada, íamos os três ou os quatro, os colaboradores.

### Na Flor do Gás?

Sim, e era uma viagem lindíssima. Depois, comíamos num restaurante que havia ali, de peixe, comíamos bem, e depois vínhamos para cá, a conversar e a discutir Gaia e a ver.

### Disse algures que "se Deus existisse teria de ser poeta (...) porque a arquitetura sem poesia seria construção, apenas".

Isso é... o que separa a arquitetura... a arquitetura não é arte, mas pode vir a ser, assim como a roda da bicicleta... pode não ser arte, mas depois as pessoas artistas veem coisas. Há olhos que não sabem ver e, claramente, os artistas têm essa capacidade.

Entrevista dos alunos:  
Beatriz Martins, Diogo Santos, Heloísa Cunha,  
Luiza Garcia, Petra Esteves, Rodrigo Silva

# Quem vem e atravessa o rio...

Pedimos aos alunos que completassem as primeiras palavras da canção de Rui Veloso e Carlos Tê, Porto Sentido. Nenhum deles sabia o que o outro escreveu. Assim um pouco como o “cadavre exquis” dos surrealistas. Ficou surreal.

## *Na passagem de um olhar*

Inês Alves

## *Vence o medo, enfrenta o frio*

Eduarda Mendoza

## *Lava a alma, espreita o vazio*

Sofia Azevedo



## *Avista o nevoeiro frio*

Regina Ferreira

## *Está ligado por um fio*

Beatriz Gaspar

## *Sente logo um arrepio*

Sofia Barbosa





***Sente sempre um calafrio***

Miguel Pereira



***Descobriu o seu caminho***

Inês Santos

***Regressa ao seu porto seguro***

Sara Santos

***Está sozinho mas não só***

Rita Marques



***Fica preso a suspirar***

João Pedro Mota

***Nem sente já o perigo***

Petra Esteves

***Na sua cor de céu sombrio...***

Bárbara Meneses

# O Douro, um rio que pede pontes

## As pontes que ficaram na história

**Sejam elas físicas ou metafóricas, unem sempre duas margens. Margens estas que, por norma, se ajudam mutuamente, o que lhes permite manter relações bastante próximas e criar laços fortes entre si.**



Pontes do Grande Porto

Gaia e Porto não são exceção. Com oito pontes construídas até agora, tendo duas delas sido já destruídas, e mais uma em processo de construção, as cidades mantêm fortes relações desde, pelo menos, a Idade Média e que ainda subsistem na atualidade. Assim, nesta reportagem, será retratada a evolução das pontes ao longo dos séculos e a sua importância para as relações entre Gaia e Porto.

No início do século XIX, foi construída a Ponte das Barcas, que ficou conhecida devido ao Desastre da Ponte das Barcas, três anos após a sua construção. Inaugurada em 1806, por Carlos Amarante, tinha como propósito a travessia de pessoas e mercadorias do Porto para Gaia. No dia 29 de Março de 1809, durante a 2ª Invasão Francesa, milhares de militares franceses perseguiram milhares de portugueses civis e militares pela ponte. Com o peso da população e das baionetas das tropas, a ponte acabou por ceder, no que ficou conhecido como o Desastre da Ponte das Barcas. Reza a lenda que, em dias de cheia no Douro, é possível ouvir o grito de Orlando Beirão Valente, o escrívão que atravessou a ponte 16 vezes com idosos e crianças, tendo caído ao rio na sua décima sétima travessia. Em 1897, o escultor e ceramista Teixeira Lopes, Pai criou um baixo relevo de bronze, “Alminhas da Ponte”, para eternizar este dia. Encontra-se localizado na zona da Ribeira na cidade do Porto.

A segunda ponte construída sobre o rio Douro foi a Ponte Pênsil, ou Ponte Maria II. Esta ponte foi um projeto do engenheiro francês Estanislau Bigot, auxiliado pelo engenheiro Mellet, também francês, e fiscalizado pelo engenheiro português José Vitorino Damásio.

As suas obras iniciaram-se em 2 de maio de 1841, para assinalar o aniversário da coroação de D. Maria II, mas quando aberta ao público, em 1843, esta ficou conhecida como Ponte Pênsil, pois foi construída no sistema de suspensão em ferro, que se eleva 10 metros acima do nível médio das águas. Abriu ao trânsito em 17 de fevereiro de 1843, sem festejos, porque a sua abertura foi antecipada à pressa, devido a uma inesperada cheia do rio. Esta foi a primeira ponte fixa construída sob o Rio Douro, e funcionou ativamente durante cerca de 45 anos, até ser substituída pela Ponte Luís I, que foi construída ao seu lado.

Até hoje encontram-se, na margem do Porto, as ruínas dos pilares de amarração da Ponte Pênsil e a da casa da guarda militar, que assegurava a ordem da ponte, bem como a cobrança dos impostos: 5 reis cada pessoa a pé, 20 por cada cavalo e 40 por um carro com uma junta de bois, havendo um acréscimo de 20 reis por cada junta a mais; cada cadeirinha de mãos pagava 60 reis, uma liteira 120 e uma sege 160, pagando 200, se fosse de quatro

rodas. Estes eram iguais ao cobrados na Ponte das Barcas. Todos estes preços duplicavam à noite, porque era preciso pagar as despesas da iluminação da ponte. No piso superior da casa estava instalado uma espécie de salva-vidas com tudo o que era necessário para socorrer naufragos ou vítimas de acidentes.

Com a crescente popularidade dos comboios em Portugal, foi necessário assegurar uma linha de caminhos de ferro que unisse as cidades de Porto e Gaia. Assim, iniciou-se a construção da Ponte D. Maria Pia, que ligava a Estação de Campanhã a Estação de Devesas na Linha Norte (conexão de Lisboa ao Porto). Esta é a ponte mais antiga que se mantém na cidade do Porto.

Foi construída pela empresa de Gustave Eiffel e projetada por Théophile Seyrig, sendo uma das suas principais obras na cidade. Tem 354 metros de extensão e é totalmente feita de metal, tendo na data da sua inauguração o maior arco em ferro do mundo. Foi inaugurada a 4 de novembro de 1877, mantendo-se ativa durante 114 anos. Em 1983, foi considerada um monumento nacional. Em 1990, The American Society of Civil Engineers concedeu-lhe o título de “International Historic Civil Engineering Landmark”.



Ponte D. Maria Pia, do arquivo da Casa do Infante

Foi encerrada em 1991 e substituída pela ponte de São João, pois só permitia a passagem de um comboio de cada vez e a sua idade impunha restrições tanto à velocidade quanto ao peso.

Durante o plano de construção, foi denominada ponte “D. Fernando”, para homenagear o “Rei Artista” Fernando II, marido de D. Maria II. O nome só ficou fixado um dia antes da inauguração, quando a comissão pediu a D. Maria Pia de Saboia, esposa de D. Luís I, o rei na época, que aceitasse que a ponte fosse batizada em sua homenagem. Quando construída, houve problemas com o fecho do arco. Dois segmentos da ponte não terão fechado no mesmo nível como previsto depois de retirados os apoios. Acredita-se que Gustave Eiffel terá ordenado que voltassem a colocar os apoios e que se esperasse algumas horas. À segunda tentativa funcionou. A justificação para o acontecimento terá sido as altas temperaturas que dilataram o metal.



Ponte Luís I

Devido à incapacidade da Ponte Pênsil para acompanhar o trânsito crescente entre Porto e Gaia, foi apresentado em concurso, em 1880, o projeto de construção da Ponte Luís I. Assim como a Ponte D. Maria Pia, teve autoria de Théophile Seyrig. Foi

inaugurada em 31 de outubro de 1886, no aniversário do rei, mas como nem este nem Seyrig compareceram na inauguração, o povo local rebatizou a ponte com o nome de Ponte Luís I. Possui 395m de comprimento, 8m de largura, e 45m de altura e o tabuleiro inferior liga a Ribeira ao Cais de Gaia e o tabuleiro superior liga a Sé do Porto ao Jardim do Morro. Em 1996 foi considerado património mundial pela UNESCO.

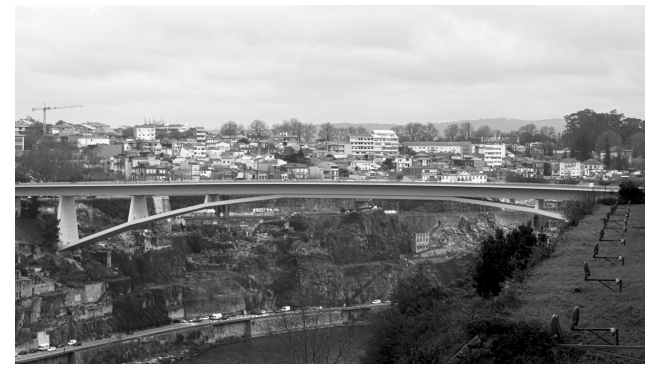
Já no século XX, foram construídas três pontes sobre o rio Douro. A primeira foi a Ponte da Arrábida, projetada por Edgar Cardoso. A sua construção iniciou-se em 1957, inaugurando a 1963.

Esta ponte tem como principal objetivo a ligação rodoviária das cidades Porto e Gaia, tendo sido a segunda ponte a permitir esta ligação. Tem uma altura de 70 metros e um comprimento total de 493 metros, sendo considerada, na época da sua construção, a ponte com o maior arco de betão armado do mundo, com 270 metros. É a ponte mais próxima do oceano Atlântico. Possuía quatro elevadores, que foram encerrados por motivos de segurança.

Os intervenientes na sua construção foram principalmente portugueses, tendo sido considerada monumento nacional a 23 de maio de 2013. Desde 2016 é possível visitar o seu arco, sendo este o único arco de uma ponte a poder ser visitado na Europa. A segunda ponte a ser construída durante o século XX foi a Ponte de São João. Projetada também por Edgar Cardoso, a sua construção iniciou-se em 1984, e a sua inauguração aconteceu a 24 de junho de 1991, dia em que se festeja o São João no Porto e em Gaia. No entanto, a inauguração não contou com a presença de Edgar Cardoso, do antigo Presidente da República Mário Soares e do antigo Primeiro-Ministro Aníbal Cavaco Silva.

A ponte São João teve como principal objetivo substituir a ponte D. Maria Pia, devido às suas limitações como ponte ferroviária. É essencialmente constituída por betão armado pré-esforçado, de pilares laterais, com três vãos: dois laterais, de 125 metros e um vão central de 250 metros, na época um recorde mundial para pontes deste tipo.

A terceira ponte construída no rio Douro no século passado foi a Ponte do Freixo. Inaugurada em setembro de 1995, da autoria do professor António Reis, tinha como objetivo diminuir o trânsito automóvel das pontes da Arrábida e Luís I. Esta



Ponte Infante Dom Henrique

ponte integra a A20 e liga a zona do Estádio do Dragão, no Porto, à freguesia de Oliveira do Douro, em Vila Nova de Gaia.

É uma ponte dupla, constituída por pontes gémeas afastadas por 10 centímetros. Apresenta um comprimento de 750m e uma largura de 18m, com um total de 8 faixas rodoviárias, 4 em cada sentido. A ponte tem oito vãos, tendo o principal 150m. Esta ponte encontra-se a um nível mais baixo do que as restantes e localiza-se a montante, neste rio.

No início do século XXI, foi construída a Ponte do Infante D. Henrique, sendo esta a ponte mais recente sobre o rio Douro até ao momento. Foi construída entre 2000 e 30 de março de 2003 por José Ordinez, na empresa espanhola IDEAM. O seu nome foi atribuído em honra do Infante D. Henrique, nascido no Porto, e esta ponte tinha como objetivo diminuir o trânsito que se fazia sentir devido à proibição dos automóveis no tabuleiro superior da Ponte Luís I.

A ponte do Infante, como é mais conhecida, tem um design em arco, e extensão de 370m de comprimento, 20m de largura e 75m de altura. Faz a ligação entre as Fontainhas e a Serra do Pilar, sendo a ponte com o arco mais longo com um só tabuleiro em todo o mundo, até aos dias de hoje.

Por fim, a última ponte sobre o rio Douro está ainda em pré-construção, com a inauguração prevista para 2025. Esta será a nova ponte do metro, que se estende pela Área Metropolitana do Porto, e o seu nome será D. António Francisco dos Santos, bispo do Porto até 2017. Esta ponte prioriza a sustentabilidade ambiental e o bem estar da população.

Alunos 11.ºI: Francisca Santos e Maria Vieira



# Algo mais...

## *A ponte mais instagramável da Europa é a ponte D.Luís I*

Beatriz Martins, 11.º B

## *A ponte da Arrábida é a mais próxima do oceano Atlântico*

Petra Esteves, 11.º B



## Ponte D.Maria Pia e Torre Eiffel

A Ponte D. Maria Pia, um símbolo de inovação dentro das construções em ferro, foi a obra de Gustave Eiffel que antecedeu a tão famosa Torre Eiffel. Foi também a última ponte na Invicta com a assinatura do engenheiro.

A Ponte D. Maria Pia é uma das obras-primas do francês Gustave Eiffel e foi estreada por uma corajosa mulher, Adelaide Lopes, esposa do engenheiro-chefe da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, Pedro Inácio Lopes, que a atravessou a pé de Gaia ao Porto, ainda antes da travessia inaugural do primeiro comboio, que tinha à data o maior arco em ferro do mundo.

Rafael Moutinho, Rodrigo Silva, 11.º B

## Ponte da Arrábida

A ponte da Arrábida foi a primeira ponte sobre o Douro inteiramente “feita em Portugal” Desde a sua concepção à construção em si, todos os intervenientes eram portugueses. Isto torna esta ponte um dos monumentos mais importantes e significativos da engenharia portuguesa do séc. XX.

Maria Luiza, 11.º B

## Ponte Dom Luís I ou Ponte Luís I?

Embora a ponte seja conhecida pela referência ao rei Dom Luís I, o seu nome oficial é na verdade “Ponte Luís I”.

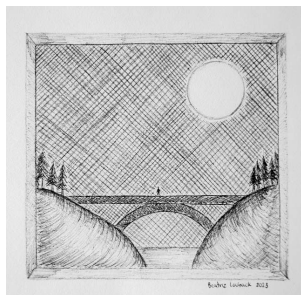
Isto deve-se à ausência do rei na inauguração da ponte, e sendo os portuenses um povo historicamente orgulhoso, consideraram tal situação um insulto e como uma represália, optaram por alterar o seu nome.

Nas alças de acesso do nível inferior da ponte é possível confirmar o nome da ponte numa placa de mármore.

Rafael Moutinho, 11.º B

## Saramago

Vidraças que me separam  
Do vento fresco da tarde  
Num casulo de silêncio  
Onde os segredos e o ar  
São as traves duma ponte  
Que não paro de lançar



Fica-se a ponte no espaço  
À espera de quem lá passe  
Que o motivo de ser ponte  
Se não pára a construção  
Vai muito mais a vontade  
De estarem onde não estão

Vem a noite e o seu recado  
Sua negra natureza  
talvez a lua não falte  
Ou venha a chuva de estrelas  
Basta que o sono consinta  
A confiança de vê-las

Amanhã o novo dia  
Se o merecer e me for dado  
Um outro pilar da ponte  
Cravado no fundo do mar  
Torna mais breve a distância  
Do que falta caminhar

Há sempre um ponto de mira  
O mais comum horizonte  
Nunca as pontes lá chegaram  
Porque acaba o construtor  
Antes que a ponte se entronque  
Onde se acaba o transpor

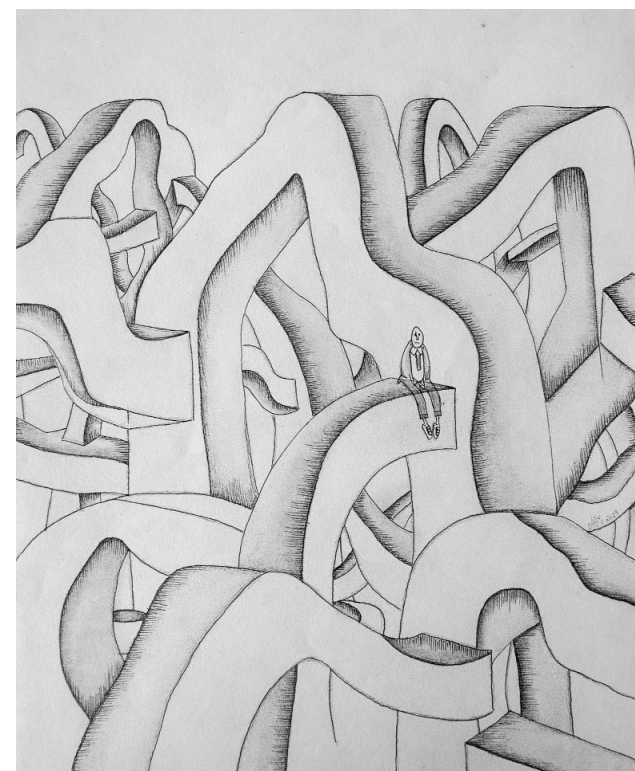
Sobre o vazio do mar  
Desfere o traço da ponte  
Vá na frente a construção  
Não perguntem de que serve  
Esta humana teimosia  
Que sobre a ponte se atreve

Abro as vidraças por fim  
E todo o vento se esquece  
Nenhuma estrela caiu  
Nem a lua me ajudou  
Mas a ruiva madrugada  
Por trás da ponte aparece.



## Fernando Pessoa

Há um tempo em que é preciso abandonar as  
roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e  
esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre  
aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não  
ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à  
margem de nós mesmos.



## Nietzsche

Existem, por certo, atalhos sem números,  
e pontes, e semideuses que se oferecerão  
para levar-te além do rio;

mas isso te custaria a tua própria pessoa;  
tu te hipotecarias e te perderias.

Existe no mundo um único caminho  
por onde só tu podes passar.

Onde leva? Não perguntes, segue-o.

# Pontes na ESAG

## Garrett Solidário Voluntário

Pretende-se ir ao encontro do preconizado nos documentos oficiais, nomeadamente no Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, onde se pode ler que “a sociedade enfrenta atualmente novos desafios, decorrentes de uma globalização e desenvolvimento tecnológico em aceleração, tendo a escola de preparar os alunos, que serão jovens e adultos em 2030, para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas, para a resolução de problemas que ainda se desconhecem”. São, realmente, cada vez maiores os desafios colocados às escolas e às famílias para responderem às exigências da criação de oportunidades para que os jovens possuam competências mais alargadas, que os transformem em sujeitos adaptáveis a este mundo global e em constante mudança. É este também o lema da ESAG: “Aprender a SER”.

Por outro lado, numa sociedade cada vez mais individualista, é fundamental munir os jovens de mecanismos que lhes permitam perceber que ninguém pode ser feliz sozinho, no seu canto, totalmente afastado dos outros. Ora, a essência do Projeto Garrett Voluntário e Solidário radica na construção de si mesmo em interação com os outros, valorizando a ajuda e a solidariedade. Atentando na etimologia da palavra solidariedade – algo que nos torna sólidos juntos – a ideia de partilha e a compreensão íntima da interdependência de todo o ser com o próximo estão omnipresentes. Assim, atividades como a recolha de alimentos para os mais desfavorecidos, a sensibilização à prática de voluntariado, à adoção de animais, à reutilização e à participação em ações do Banco Alimentar fomentarão nos alunos valores identitários e de cidadania.

A empatia que a prática da solidariedade desenvolve é o pilar que sustenta a ponte em direção aos outros.

Lurdes Silva, professora coordenadora do projeto

## Clube Ubuntu

O Clube Ubuntu é um clube que desenvolve atividades em e para a comunidade escolar da ESAG.

Seguindo a filosofia do mesmo nome, procuramos passar os valores de que este movimento se ergue: o autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço; paralelamente queremos proporcionar momentos de união e de pertença na nossa escola, pois “Eu sou porque tu és”.

Este ano começamos por celebrar o Dia Internacional dos Estudantes nos dias 17 e 18 de novembro ao fazermos uma exposição sobre algumas das diversas nacionalidades que estão presentes nos alunos da ESAG.

Outra atividade realizada recentemente foi sobre as inseguranças físicas dos alunos, tendo como objetivo perceber como estes efetivamente se sentem e, se não for possível aconselhar, apenas mostrar apoio e assegurar de que não estão sozinhos, que toda a gente tem partes de si que não gosta, mas de forma alguma não diminuindo o valor dos próprios alunos.

Ubuntu é uma filosofia de origem africana que se traduz na expressão “Eu Sou porque tu És”, na valorização da interdependência e da solidariedade.

Alberto Pires Ferreira Nunes, Líder do Clube Ubuntu da ESAG

## Erasmus+ numa escola em direção ao futuro

Os primeiros passos, dados em 2021/22, foram tímidos e incluíram seis atividades de Job Shadowing e sete cursos de formação, todos concretizados por docentes.

Quanto aos países, as atividades de mobilidade e de acolhimento incluíram a Espanha, 20 alunos e três professores, a Islândia, 12 discentes e dois docentes, e a Eslovénia que movimentou os mesmos números de participantes. Mesmo havendo variedade de temas de trabalho e de resultados, de um modo ou de outro, todos incluíram as questões da cultura, da identidade e da promoção da dimensão europeia.

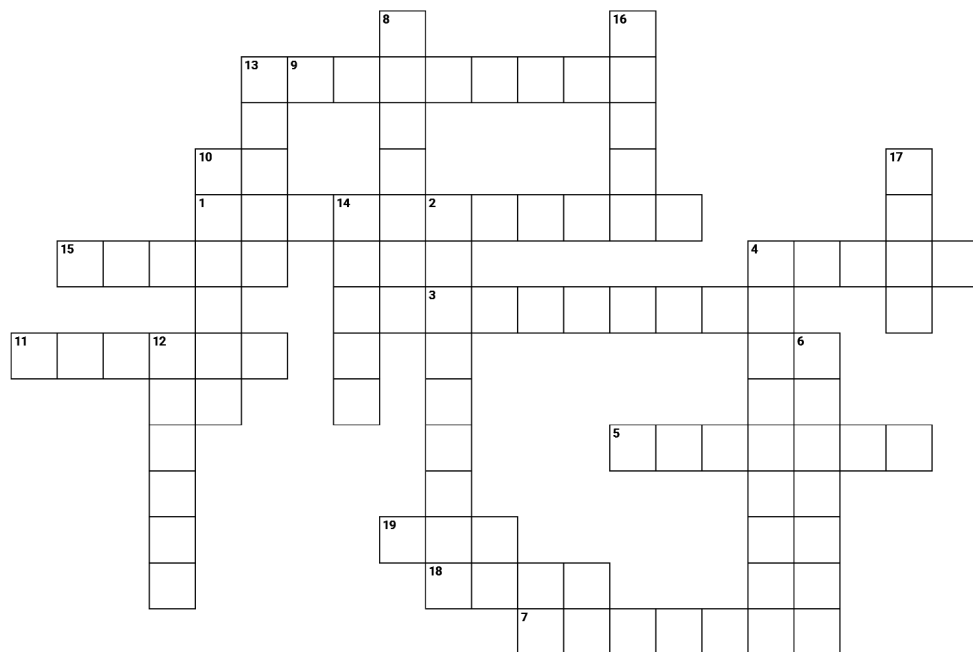
A ESAG tem acolhido com grande satisfação os pedidos de Job Shadowing pelo valor que assumem para os profissionais que a visitam e para nós, escola de acolhimento. Estabelecem-se ligações pessoais e profissionais, partilham-se ideias, materiais, procedimentos, sendo o enriquecimento mútuo.

Em 2023/24 propomos ir mais longe e duplicar as nossas metas no que respeita ao número de profissionais em formação, de alunos e de escolas, com muitos novos parceiros a unirem-se aos atrás listados.

Em suma: acreditar, pensar, escolher, procurar, visitar páginas da Internet, reler, repensar... E, assim, se entra na fantástica aventura que vai permitir colher ideias e conhecimentos, partilhar saberes e reunir experiências. E quando se relata o que se viveu, viu, experienciou, aprendeu, o outro, aluno ou colega, caminha pelos nossos pés, vê pelos nossos olhos, abrindo-se-lhe talvez não uma porta, mas pelo menos uma janela.

Elisabete Gomes, professora coordenadora do projeto

## Palavras cruzadas



### Horizontal

01. Arte de projetar e construir edifícios;
03. Nome da ponte que liga porto a Vila Nova de Gaia pelo nó do Candal;
05. Nome da ponte inaugurada a 30 de Março de 2003;
07. Acto ou efeito de ligar;
09. Momento em que se chega;
11. Engenheiro francês que fez seu nome construindo várias pontes
15. Elemento químico, de número atómico 26, contém cor cinzenta azulada e muito útil na indústria e nas artes;
04. Construção que liga dois pontos separados por um curso de água ou por uma depressão de terreno;
18. Obra da arquitetura curva sobre pilares verticais;
19. Grande curso de água natural, quase sempre oriunda das montanhas.

### Vertical

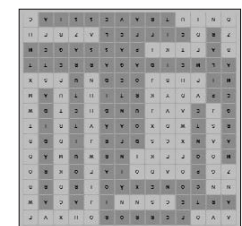
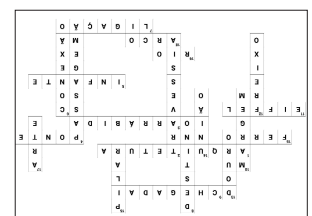
02. Viagem ou passagem através de grande extensão de terra ou de mar;
04. Local ou sítio por onde se transita;
06. Enlace ou vínculo entre estruturas ou entidades;
08. Todas as pessoas caminham na mesma direção, ou seja, todas as pessoas possuem o mesmo...;
10. Faixa de Terreno que fica de um dos lados de uma extensão de água;
12. Nome da ponte que está mais a montante do rio Douro;
13. Local situado em Portugal. Tem lindas paisagens e muitos vinhos;
14. Junção de duas entidades;
16. Coluna que serve de apoio numa construção;
17. Habilidade de aplicar conhecimento ou para a execução de uma ideia.

## Sopa de letras

A	V	O	F	E	R	R	O	R	Q	H	X	V	F
A	R	T	E	C	S	N	N	I	J	A	C	A	W
N	N	C	O	N	E	X	Ã	O	I	R	D	R	B
Z	G	P	O	A	D	Q	I	A	E	Q	K	R	O
M	O	O	F	E	K	I	N	R	W	U	M	Ã	D
A	A	N	X	C	S	D	F	R	J	I	D	B	B
R	S	T	W	D	X	O	A	Ã	V	T	R	I	T
G	J	E	A	V	J	U	N	B	H	E	T	D	W
E	P	V	D	Y	K	R	T	I	H	T	U	A	M
M	I	P	H	B	J	O	E	D	N	U	P	S	X
A	L	M	E	I	D	A	G	A	R	R	E	T	T
B	A	F	T	K	I	P	A	S	S	A	G	E	M
Z	R	D	E	I	F	F	E	L	A	Z	R	E	H
D	N	I	U	T	R	A	V	E	S	S	I	A	C

01. AlmeidaGarrett
02. Arrábida
03. Arte
04. Douro
05. Ferro
06. Margem
07. Pilar
08. Rio
09. Arquitetura
10. Conexão
11. Eiffel
12. Infante
13. Passagem
14. Ponte
15. Travessia

### Soluções



### redação

Carlos Tê, Eduardo Vítor Rodrigues, Elisabete Gomes, Maria de Lurdes Silva, Margarida Neto, Paulo Mota, Rui Moreira; 11.ªA: Beatriz Gaspar, Eduarda Mendoza, Inês Santos, Miguel Pereira, Regina Ferreira, Sara Santos, Sofia Azevedo; 11.ªB: Beatriz Martins, Catarina Silva, Diogo Santos, Heloísa Cunha, Maria Luíza Garcia, Petra Esteves, Rafael Moutinho, Rita Marques, Rodrigo Silva, Sofia Barbosa; 11.ªI: Bárbara Meneses, Francisca Santos, Inês Alves, João Pedro Mota, Maria João Vieira; 12.ªI: Alberto Nunes

### ilustração

11.ªA: Ariana Oliveira, Beatriz Louback, Carolina Manso, Inês Oliveira, Leonor Almeida, Kaila Silva, Regina Ferreira, Rita Morais; lazer: 11.ªB: Rafael Moutinho

### fotografia

Leonel Manso, Rita Maia; 11.ªA: Beatriz Gaspar, Regina Ferreira

### Ficha Técnica

#### coordenação

Margarida Neto, Rita Maia  
agradecimentos a Palmira Rodrigues

#### design e edição de imagem

Margarida Allen



# SUPER-HIDRO



! CONTO CONTIGO!  
EMBALAGENS NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
COTONETES NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
RESTOS DE ALIMENTOS NA BANCA DA COZINHA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
GORDURAS NA BANCA DA COZINHA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
CABELOS NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
ÓLEOS ALIMENTARES USADOS NA BANCA DA COZINHA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
PENSOS NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
PASTILHA-ELÁSTICA NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
FIO DENTÁRIO NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
FRALDAS DESCARTÁVEIS NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
TOALHITAS NA SANITA, NÃO!

! CONTO CONTIGO!  
MEDICAMENTOS NA SANITA, NÃO!



EU SOU O SUPER-HIDRO, O SUPER-HERÓI QUE TE AJUDA A PRESERVAR O BEM MAIS ESSENCIAL À VIDA: A ÁGUA!

f /aguasgaia    aguasgaia.pt    info@aguasgaia.pt

